

FERREIRA-GONÇALVES, Giovana; OTHERO, Gabriel de Ávila. Sobre Teoria da Otimidade: uma conversa com Giovana Ferreira Gonçalves, por Gabriel de Ávila Othero. *ReVEL*, v. 15, n. 28, 2017. [www.revel.inf.br].

**SOBRE TEORIA DA OTIMIDADE:
UMA CONVERSA COM GIOVANA FERREIRA GONÇALVES, POR
GABRIEL DE ÁVILA OTHERO**

Giovana Ferreira-Gonçalves¹

Gabriel de Ávila Othero²

Entrevista dedicada à Profa. Gisela Collischonn, uma das principais precursoras dos estudos em Teoria da Otimidade no Brasil.

OTHERO – Giovana, sua tese de Doutorado foi na área de aquisição fonológica³. E você utilizou o *framework* da Teoria da Otimidade (OT). Você pode nos contar um pouco sobre os resultados a que você chegou com sua tese? Como a TO te auxiliou em suas análises? Que outros trabalhos você desenvolveu nessa área desde então?

GIOVANA – Meu trabalho com Teoria da Otimidade é o que, na verdade, leva-me a ingressar na Academia, enquanto pesquisadora. Isso ocorreu ainda durante a formação de Mestrado. À época, precisava definir o objeto de análise da dissertação, pois, na UCPel, onde realizei a minha primeira formação enquanto pesquisadora, não havia, para o ingresso, a definição prévia de um tema. Em uma primeira conversa com a orientadora, decidi trabalhar com uma investigação voltada para os hiatos do português. Passei dois meses em bibliotecas – a internet, em 1998, ainda não era de

¹ Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

³ *Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade*. Porto Alegre, PUCRS, 2005.

fácil acesso no interior do Rio Grande do Sul –, e o “encantamento” não vinha. Em março de 1999, participei do II Congresso da ABRALIN em Florianópolis e assisti a uma apresentação sobre Teoria da Otimidade e Aquisição da Fonologia, conduzida por Regina Lamprecht e Carmen Hernandorena. Apaixonei-me!!! Retornei a Pelotas sabendo exatamente o que eu desejava fazer, não na minha dissertação, mas no meu percurso na Academia. O que me apaixonava, na Teoria, era o fato de ser uma teoria linguística, não uma teoria fonológica, aplicada a diversas áreas, como Morfologia, Sintaxe, Semântica e Fonologia. Também sua aplicabilidade aos estudos em aquisição e variação, tudo considerando o mesmo arcabouço estrutural. A incorporação do paralelismo na construção da gramática pelo aprendiz e no processamento dos dados do adulto foi um ganho muito significativo para as pesquisas voltadas à formalização de análises linguísticas. Minha dissertação, intitulada “Aquisição dos ditongos orais decrescentes do português: uma análise via Teoria da Otimidade” (BONILHA⁴, 2000), foi a primeira a ser defendida no Brasil - tínhamos, à época, somente uma tese de Doutorado, Battisti (1997), também sobre ditongos, defendida na PUCRS. Os demais trabalhos eram de fôlego menor, artigos ou trabalhos publicados em anais. Já na dissertação, trouxe a aplicação do que entendo ser um dos grandes contributos da teoria aos estudos sobre aquisição da linguagem, que é a aplicação de algoritmos de aprendizagem para a análise dos dados, tanto no que concerne à língua materna como à língua estrangeira. Ao decidir trabalhar com Teoria da Otimidade (OT) e aquisição, tive, portanto, que estudar muito os textos de Tesar e Smolensky (1998, 2000) sobre o algoritmo de remoção de restrições, o CDA – *Constraints Demotion Algorithm*. Naquele momento, não havia, ainda, nenhuma bibliografia no Brasil que reportasse a aplicação do algoritmo ao processo de aquisição do português. Era tudo muito novo para os pesquisadores. A criação do *site* ROA – *Rutgers Optimality Archive*⁵ –, no entanto, viabilizava o acesso imediato às publicações sobre OT, o que, sem dúvida, foi de fundamental relevância para a divulgação dessa proposta teórica. Assim, na primeira vez que li Tesar & Smolensky (1998), pouco compreendi, sendo preciso recorrer ao capítulo 7 – *Learning OT Grammars* –, de Kager (1999), para conseguir aprender a aplicar o algoritmo. Depois tive acesso a outros textos, como um curso em CD disponibilizado em McCarthy (1999), que trazia vários exercícios com o CDA. Logo no meu ingresso no Doutorado, em 2001, na Pontifícia Universidade

⁴ Até o final de 2007, trabalhos de minha autoria foram assinados como BONILHA; a partir de 2008, como FERREIRA-GONÇALVES.

⁵ O *site*, ainda ativo e correntemente atualizado, encontra-se disponível em <https://roa.rutgers.edu>.

Católica do Rio Grande do Sul, tive a oportunidade de compartilhar esse conhecimento com o Grupo de Estudos da Profa. Leda Bisol, que, naquele primeiro ano do meu Doutorado, dedicava-se a compreender melhor a OT. Era um privilégio poder discutir textos com pesquisadores que tanto admirava, como a Profa. Gisela Collischonn, que desde o início recebeu a teoria de uma forma muito positiva, tecendo sempre reflexões preciosas nas discussões do grupo. Foi Gisela, sem dúvida, uma das grandes precursoras da OT no Brasil, utilizando-a em suas pesquisas relativas à sílaba do português. Em 2004, Gisela me convidou para ministrar uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS voltada especificamente para a Teoria da Otimidade e aquisição da fonologia. Dizia que o convite se dava não só pelo conhecimento, mas porque havia em mim uma paixão pela teoria que a encantava. Nunca esqueci. A essa época, então, finalizava minha tese de Doutorado na PUCRS, “Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade” (BONILHA, 2004), sob orientação da Profa. Leda Bisol. A tese propôs um estudo sobre aquisição da fonologia com base em uma Teoria da Otimidade que colocava em destaque seus aspectos conexionistas da teoria e minimizava os efeitos do gerativismo sobre o modelo. Assim, o trabalho tinha dois objetivos centrais: (i) propor uma versão da OT voltada fundamentalmente para aspectos conexionistas do modelo e (ii) analisar o processo de aquisição fonológica – segmento, sílaba e acento – do português com base nessa versão conexionista. Quanto ao primeiro, na OT conexionista que proponho na tese, não há mais espaço para a forma subjacente como um nível distinto de representação, pois esta emerge no próprio */output/ gramatical*, origem da atuação do Otimizador – função da gramática que proponho em detrimento de GEN e EVAL; também considero que restrições são adquiridas no transcorrer da aquisição fonológica, o que acabou gerando uma proposta acerca do funcionamento das restrições conjuntas. Assim, com uma versão estritamente conexionista, foi possível, para a análise dos dados de aquisição da fonologia, propor: (i) a criação de restrições, simples e conjuntas; (ii) a desativação de restrições conjuntas no transcorrer da aquisição; (iii) a formação de restrições conjuntas com base nos pesos das restrições; (iv) a utilização de restrições de fidelidade que reportam unidades prosódicas⁶ – incompatíveis com versões derivacionais do modelo que assumem um *input* pobre, contendo apenas

⁶ Max´σ: uma sílaba com proeminência acentual no *input* deve ser realizada no *output*.

Ident´σ: uma sílaba com proeminência acentual no *input* deve manter essa proeminência no *output*.

traços e segmentos; e (v) a aplicação do GLA – *Gradual Learnin Algorithm* –, com suas restrições probabilísticas, acenando para a importância da frequência lexical e segmental. O modelo, no entanto, carece, ainda, de um algoritmo que possa não apenas *ativar* restrições, mas também *desativá-las*, eliminando-as da gramática quando não cumprirem mais nenhuma função no sistema. No que concerne a (ii), os resultados obtidos foram muito interessantes, porque, justamente pela utilização da OT, foi possível explicar que determinado fenômeno constatado no nível segmental, por exemplo, devia-se, na verdade, à interação de restrições vinculadas à estrutura silábica e/ou ao padrão acentual do português. Igualmente, foi possível observar que determinados fenômenos no nível da sílaba tinham como decorrência à aquisição do segmento, bem como do padrão acentual da língua. A tese revela que, para explicar o ordenamento da aquisição dos constituintes silábicos, padrões silábicos e acento, são necessárias não apenas restrições de estrutura silábica e métricas, mas a interação com restrições segmentais e destas em relação à fidelidade posicional. É possível visualizar, na hierarquia de restrições, que um mesmo ordenamento é responsável não apenas pela aquisição dos segmentos consonantais, por exemplo, mas pela aquisição de constituintes silábicos. Tal fato apenas evidencia a necessidade de se considerar a interação de restrições que constituem diferentes fenômenos fonológicos para dar conta da análise dos dados referentes à aquisição fonológica do português. Nesse sentido, a Teoria da Otimidade constitui-se, pois, em um modelo de análise linguística privilegiado para explicitar esse fato. Há um texto, publicado em Ferreira-Gonçalves, Keske-Soares & Brum-de-Paula (2009) – o segundo volume da série “Estudos em Aquisição Fonológica” –, intitulado “Unidades prosódicas – sílaba e acento – no processo de aquisição da linguagem”, que coloca em relevo esse tipo de interação entre restrições segmentais, prosódicas e métricas a que me refiro aqui. A análise dos dados de aquisição da fonologia também propiciaram alguns resultados interessantes acerca do padrão silábico do português. Defendo, assim, que o português, sensível ao peso silábico, apresenta pés predominantes trocaicos, mas também apresenta pés iambos como resultado da interação de restrições de sonoridade. Na verdade, o que faço não é propor uma nova Teoria da Otimidade, mas uma releitura do modelo, tendo por base apenas características em assonância com o paradigma conexionista. As mudanças, portanto, não são muitas, considerando a origem já, em parte, conexionista da OT, mas existem, fundamentalmente, na forma de se entender suas funções – antigos Gen e Eval,

agora, Otimizador –, seus princípios, sua visão a respeito do *input* e as restrições utilizadas. Após a defesa da tese em 2005, desenvolvi várias pesquisas sobre aquisição fonológica de língua materna – típica e atípica –, com a utilização da teoria, avançando, inicialmente, para análises que incluíam a frequência lexical e segmental. Em 2009, realizei o que deve ter sido, provavelmente, o primeiro trabalho no Brasil a utilizar a Teoria da Otimidade Bidirecional, de Boersma (2011), intitulado “Aquisição do sistema vocálico: caminhos da L1 e da L2”, apresentado no II SIS Vogais em Belo Horizonte. À época, já integrava o Grupo de Pesquisa DINAFON, liderado pela Profa. Eleonora Albano, e, desde então, no que concerne à OT, voltei-me mais especificamente a estudar propostas que utilizam os gestos como unidades representacionais, que são desdobramentos do trabalho de Gafos (2002), como Borroff (2007). Em parceria com o Prof. Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS), publiquei um capítulo específico sobre essa temática, em Ferreira-Gonçalves & Brum-de-Paula (2013) – a obra é voltada a perspectivas dinâmicas na análise de dados fonético-fonológicos e discorre sobre a aplicação da ultrassonografia à análise de dados linguísticos, área de investigação promissora para contribuições à descrição fonético-fonológica do português, bem como para os processos de aquisição de língua materna e de língua estrangeira.

OTHERO – A OT teve, desde o início, um forte apelo para quem trabalhava com fonologia e morfologia. Aqui no Brasil não foi diferente: há muitos trabalhos nessas duas áreas e poucos em Sintaxe ou Semântica, por exemplo. A que fator você acha que isso se deve?

GIOVANA – Apesar de ser uma teoria linguística e, portanto, poder ser aplicada à análise de dados não apenas fonológicos, foi na fonologia que a OT encontrou, desde o seu início, o maior campo para o seu crescimento, sedimentação, bem como para o nascimento de novas propostas teóricas a partir da Teoria da Otimidade *Standard*, modelo proposto por Prince e Smolensky (1993). Assim, a OT teve, na Fonologia, seu maior campo e aplicação até os dias de hoje (McCARTHY, 2004). Isso de fato é verdadeiro e se aplica não só aos trabalhos publicados no Brasil, como a uma grande parte das pesquisas desenvolvidas em outros países. Uma das razões talvez esteja vinculada à bibliografia de base – que lança a proposta teórica em 1993 –, na qual

encontramos a aplicação da teoria à análise de estruturas justamente fonológicas, como sílaba e acento. Em Prince & Smolensky (1993), por exemplo, há três capítulos dedicados exclusivamente à análise da sílaba de línguas como o lardil e o berber. A própria construção das restrições de fidelidade, na Teoria da Correspondência, de McCarthy e Prince (1995), também se volta para os estudos em fonologia, como podemos constatar na conceituação de restrições como Max I/O, Dep I/O, Ident I/O e Linearity, que, ao estabelecer relações entre *input* e *output*, são violadas quando processos como apagamento, epêntese, substituição e metátese são constatados nas formas de *outputs*. No transcorrer das pesquisas, no entanto, essas restrições passaram a estar associadas a estruturas gramaticais outras – a depender da forma de *input*. Ainda em 1998, houve a publicação do livro “*Is the Best Good Enough? Optimality and Competition in Syntax*”, de Barbosa (et al), que traz capítulos voltados para estudos de fenômenos do nível da sentença, como relações anafóricas. As restrições de fidelidade utilizadas estavam ainda vinculadas ao modelo PARSE/FILL, proposto na OT Standard, não na Teoria da Correspondência. Nessa obra, Newson (2004), em capítulo voltado para a natureza do *input* e do *output*, tendo o fenômeno da negação como objeto de investigação, alerta para questões relativas à complexidade de se considerar como *input* apenas uma sequência de itens lexicais, sendo a estrutura sintática totalmente gerada por GEN. Legendre (2001, p. 20), em obra clássica sobre OT e sintaxe, esclarece que o principal papel do *input* é estabelecer as formas que competem, não a forma vencedora. Conforme a autora, os sintaticistas que trabalham com OT utilizam, como forma de *input*, representações advindas do modelo de Princípios e Parâmetros, incluindo traços funcionais, como tempo e aspecto, bem como estrutura argumental e escopo de um operador. A morfologia, por sua vez, acaba sendo abordada também nas análises fonológicas, considerando-se os fenômenos de morfofonologia, mas também foi objeto de investigação no modelo original, com a obra *Prosodic Morphology: Constraints Interaction and Satisfaction*, de McCarthy & Prince (1993). Ainda que o predomínio das análises em fonologia seja facilmente constatado, há, no entanto, publicações recentes voltadas para áreas como sintaxe e semântica, Legendre *et al* (2016) é um bom exemplo. A obra, que também inclui a abordagem da OT Bidirecional, traz capítulos sobre fenômenos morfosintáticos, semânticos e pragmáticos. No Brasil, conforme Othero (2015), uma das primeiras publicações sobre sintaxe e OT foi Menuzzi (1999). Há, no entanto, publicações mais recentes, como Menuzzi e Othero

(2009), Othero e Menuzzi (2009) e Othero & Cardozo (2017). As perspectivas de uma continuidade de avanços para outras áreas parecem, portanto, promissoras.

OTHERO – E como andam as pesquisas no quadro da OT hoje no Brasil? Há grupos articulados ajudando no desenvolvimento da teoria e se debruçando sobre fenômenos gramaticais do PB?

GIOVANA – Ao final da década de 1990, a OT ainda era uma teoria bastante incipiente no Brasil. Se você realizar uma consulta à base Lattes, com uma busca dos termos “Otimidade” ou “Otimalidade”, terá acesso aproximadamente ao currículo de 96 pesquisadores doutores da área de Linguística, sendo a metade com formação de Mestrado e/ou Doutorado no Rio Grande do Sul. Assim, impossível não reportar, por exemplo, pesquisadores do Sul, especialmente vinculados ao Grupo de Estudos da Profa. Leda Bisol da PUCRS, que têm proposto trabalhos com OT há quase duas décadas. No entanto, a aplicação da teoria por pesquisadores das mais diferentes regiões do país é uma realidade hoje. As temáticas são variadas, perpassando pela variação fonológica, pela morfologia, pela sintaxe, pela aquisição fonológica de língua materna e de língua estrangeira. A proposta de um Serialismo Harmônico, mesmo associado a uma Gramática Harmônica – McCarthy e Pater (2016) –, tem ganhado espaço, principalmente nas investigações voltadas à morfologia, desde a publicação de *Hidden Generalizations*, por McCarthy (2007).

OTHERO – A OT, assim como outros modelos de base gerativa, passou por significativas alterações desde a publicação dos textos seminais de McCarthy, Prince e Smolensky no começo da década de 1990. Você poderia nos falar um pouco sobre a evolução da OT? Com que “versão” da OT você costuma trabalhar?

GIOVANA – Não diria “evolução”, porque, sob meu ponto de vista, alguns dos modelos de OT propostos ao longo dessas duas décadas excluem justamente aspectos que tornaram a teoria um diferencial na realização da análise dos dados linguísticos no início da década de 1990. As alterações realizadas, em geral, deixam lacunas, por

exemplo, acerca do funcionamento da aquisição da linguagem, bem como de aspectos relativos à variação, os quais, já no modelo *Standard* receberam atenção especial de Prince & Smolensky (1993) e Tesar & Smolensky (1996, 1998). A primeira versão do *Constraint Demotion Algorithm*, inclusive, é datada de 1993, ou seja, a teoria já nasce com uma versão de algoritmo de aprendizagem atrelada à sua proposta. A OT Estocástica insere um novo algoritmo no modelo, ou seja, o algoritmo de aquisição gradual GLA – *Gradual Learning Algorithm* (BOERSMA e HAYES, 2001), o qual não só dá conta dos dados de aquisição e de variação como é aplicado com sucesso aos dados não variáveis da fala adulta. No entanto, propostas como a OT Estratal (KYPASKY, 1998), a Teoria da Marcação Comparativa (McCARTHY, 2002) ou a Teoria de Cadeia de Candidatos (McCARTHY, 2007), dentre outras, criam lacunas no que concerne ao funcionamento da teoria em relação à construção da hierarquia de restrições pelo aprendiz e à recorrente emergência de gramáticas variáveis na fala da criança e na fala adulta. Propostas derivacionais tiveram como uma de suas principais motivações a explicação de fenômenos de opacidade, que a Teoria da Otimidade *Standard*, em paralelo – ou a chamada P-OT (Teoria da Otimidade em Paralelo), por McCarthy, Pater e Pruitt (2016) –, por considerar uma configuração de *input* pobre, teve dificuldades de explicar. Para a manutenção dessa perspectiva de *input*, a empreitada tem sido árdua, com a construção de diferentes OTs derivacionais ao longo dos anos. Collischonn (2010) discute um mesmo fenômeno de opacidade contra-alimentadora, relativo ao português europeu⁷, com base em diferentes propostas da Teoria da Otimidade, como a OT Estratal de Kiparsky (1998), a Teoria da Simpatia, de McCarthy (1999), a Marcação Comparativa, de McCarthy (2002) e a Teoria das Cadeias de Candidatos (OT-CC), de McCarthy (2010). Conforme a autora, tais propostas “falharam em um ou mais aspectos” para dar conta do fenômeno da opacidade, no entanto, são importantes para reflexões sobre a teoria. Em obra recente, organizada por McCarthy & Pater (2016), há uma proposta, para uma versão derivacional do modelo, que inclui reflexões sobre a aquisição da linguagem e o funcionamento de algoritmos de aprendizagem (STAUBS, 2016). *Harmonic Grammar and Harmonic Serialism* reforça, assim, o funcionamento de pesos da Gramática Harmônica (SMOLESNKY & LEGENDRE, 2006), mas considerando uma avaliação serial, em que as representações são alteradas e

⁷ O fenômeno refere-se à interação entre a centralização da vogal /e/, tônica, seguida de consoante palatal e a palatalização de fricativa em coda silábica. Assim, em v[e]spa, a centralização não se aplica porque, no estágio derivacional em que ocorre, a palatalização ainda não foi aplicada.

avaliadas de forma iterativa. A pobreza do *input*, como esperado, continua mantida, “a fonologia é como a sintaxe, no sentido de que o *input* consiste de itens lexicais com pouca ou nenhuma estrutura” (McCARTHY & PRUITT, 2016, página da citação?). Considerando-se, no entanto, um *input* rico – não confundir aqui com Riqueza da Base⁸ –, uma versão paralela da Gramática Harmônica, sob minha perspectiva, sustenta-se como uma das propostas mais promissoras do modelo.

Othero – Me parece que as “linhas duras” de gramática e Linguística têm perdido um pouco seu espaço nas instituições de ensino superior nos últimos anos. Entretanto, trabalhar com a OT é trabalhar com o *hardcore* gramatical (e suas interfaces): fonética, fonologia, prosódia, morfologia, sintaxe, semântica. É possível que trabalhos em OT extrapolem essas áreas e abarquem novos horizontes?

GIOVANA – A Teoria da Otimidade é uma teoria de descrição e análise linguística, então, utilizá-la para análises que não tenham como foco a estrutura gramatical parece pouco provável na Linguística. Um ranqueamento de restrições expressa a gramática de uma língua, assim, fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e/ou semântica devem ser chamadas para sustentar a proposta de restrições utilizadas. Isso não quer dizer, no entanto, que aspectos outros, vistos por determinados modelos teóricos como extrínsecos à gramática, não possam ser incorporados às análises dos dados. As interfaces dessas áreas com a aquisição da linguagem e com os processos variáveis, tendo como base um mesmo arcabouço teórico e representacional – enquanto descrição linguística –, é um dos diferenciais mais importantes da teoria. Nesse sentido, é possível, por exemplo, considerar a utilização de pesos distintos a determinadas restrições para expressar, na análise dos dados, o papel de fatores extralinguísticos, como escolaridade. Joe Pater, no curso *Variation and Gradient in Phonology*, ministrado no VI Congresso Internacional da ABRALIN, em 2009, apresentou essa possibilidade com a utilização da Gramática Harmônica – que retornava, depois de quinze anos, em uma proposta, à época, recente de Smolensky & Legendre (2006). Retornava porque, na verdade, a Teoria da

⁸ De acordo com Prince & Smolensky (1993), a forma de *input* não é limitada por restrições em sua constituição, ou seja, assim como há um quadro ilimitado de *outputs* possíveis, assim também ocorre com os *inputs*. Esse mecanismo é chamado de princípio da Riqueza da Base, ou ROTB. Não há, assim, restrições nas estruturas morfológicas, incluindo restrições contra certas sequências de segmentos ou contra certas combinações de traços.

Otimidade, criada por um físico/matemático – Paul Smolensky – e por um linguista – Alan Prince – foi originada da Gramática Harmônica, modelo proposto, em 1990, por Legendre, Smolensky & Miyata. Em seu formato original, a Gramática Harmônica certamente não teria chegado à comunidade acadêmica, não teria sido acolhida por linguistas, pois lhe faltava a formalização necessária, a aproximação com teorias outras – na fonologia, por exemplo, os primitivos que constituem as restrições na Teoria da Otimidade são provenientes de distintos modelos teóricos. Assim, se você tem como foco a análise segmental, poderá utilizar restrições calcadas nos traços distintivos de Chomsky & Halle (1968), ou nos traços que constituem a Geometria de Traços de Clements & Hume (1995), ou ainda no modelo baseado em gestos enquanto unidades representacionais de Gafos (2002), entre outros. Em 2002, enquanto realizava minha tese de doutorado, já tendo decidido trabalhar com uma perspectiva connexionista da teoria, adquiri cópias dos manuscritos dos autores – Legendre, Miyata & Smolensky (1990, 1991) e Smolensky, Legendre & Miyata (1992a, 1992b) –, mas, de fato, sua aplicação era um desafio para um linguista, considerando-se o conhecimento matemático necessário para levar a empreitada adiante. A Teoria da Otimidade deve ter sido, então, um passo necessário, um entremeio, para que a proposta da Gramática Harmônica pudesse ser efetivamente implementada, aplicada à descrição e à análise das mais diversas línguas. Em 2006, com o lançamento dos dois volumes da nova Gramática Harmônica, é como se um ciclo se fechasse, um percurso de quinze anos que “volta” ao seu ponto de partida, e que precisa avançar. No Brasil, a obra é ainda muito recente e merece, sem dúvida, ser estudada com aprofundamento. Com a utilização de pesos na Gramática Harmônica, o que é visto como exterioridade linguística pode passar a ser integrado na formalização da análise estrutural.

OTHERO – Como pesquisadora experiente na área, você poderia sugerir leituras essenciais em OT? E também leituras em OT que lidem com os dados do português?

GIOVANA – Sem dúvida, há muitas pesquisas que utilizaram a Teoria da Otimidade ao longo dos anos. No site do ROA, por exemplo, encontramos mais de 1.300 artigos e/ou dissertações/teses que aplicam a teoria. Há, no entanto, obras que são

verdadeiros clássicos e que julgo essenciais para quem deseja trabalhar com o modelo:

- 1) “Optimality Theory”, de René Kager, publicado em 1999. A apresentação da teoria, no capítulo 1, aborda, de forma clara e detalhada, aspectos básicos, como sua arquitetura, a tipologia fatorial e a otimização lexical. O capítulo 7 é leitura esclarecedora para quem deseja compreender o funcionamento dos algoritmos de aprendizagem. Por fim, destaque ainda deve ser dado aos capítulos 8 e 9 que, respectivamente, são voltados para a aplicação da teoria a fenômenos sintáticos e a reflexões sobre questões como opacidade, fidelidade posicional e representações subjacentes.
- 2) “A Thematic Guide to Optimality Theory”, de John J. McCarthy, publicado em 2002. Um livro para iniciantes e para aqueles que já fazem OT e precisam compreender melhor o modelo. No capítulo 3, por exemplo, McCarthy discorre sobre o paralelismo, bem como sobre outras arquiteturas para a teoria, como o serialismo harmônico e enfoques para analisar o fenômeno de opacidade.
- 3) “Optimality Theory in Phonology: A Reader”, de John J. McCarthy, publicado pela Blackwell Publishing em 2004. Com quase 600 páginas, a obra retoma, com notas do autor, trechos de obras essenciais como Prince & Smolensky (1993), McCarthy & Prince (1993, 1995), que também merecem ser lidas na íntegra.
- 4) “Doing Optimality Theory: Applying Theory to Data”, também de John J. McCarthy, publicado em 2008. Obra fundamental para quem deseja realizar análises com a teoria. Conduz o leitor, passo a passo, a construir sua pesquisa em Teoria da Otimidade, da construção dos *tableaux* à publicação do *paper*.

Para estudos em aquisição da fonologia:

- 1) “Handbook of Phonological Development from the Perspective of Constraint - Based Nonlinear Phonology”, de Barbara Bernhardt e Joseph Paul Stemberger. Aborda aspectos relativos à aquisição fonológica do inglês. Obra de referência para os estudos em OT e aquisição de língua materna.
- 2) “Constraints in Phonological Acquisition”, de Rene Kager, Joe Pater e Wim Zonneveld. Apesar de lançado apenas em 2004, traz leituras essenciais para a

área, publicadas em versões draft no ROA, ainda na década de 1990, como “Markedness and faithfulness constraints in child phonology”, de Amalia Gnanadesikan, e “The initial and final states: theoretical implications and experimental explorations of Richness of the Base”, de Lisa Davidson, Peter Jusczyk e Paul Smolensky.

- 3) “Optimality Theory, Phonological Acquisition and Disorders”, de Daniel A. Dinnsen e Judith A. Gierut. Publicado em 2008, foi um dos primeiros livros a serem lançados na série “Advances in Optimality Theory”, destinada a promover novos enfoques na teoria, bem como textos didáticos, que contribuem para sua divulgação.

Por fim, para versões derivacionais, sugiro duas obras de John J. McCarthy: “Hidden Generalization: Phonological Opacity in Opimality Theory”, de 2007, e “Harmonic Grammar and Harmonic Serialism”, publicada recentemente, em 2016, em parceria com Joe Pater.

Em português, primeiramente, eu indicaria a leitura de “Teoria da Otimidade: Fonologia”, organizado por Bisol & Schwindt (2010). O livro aborda não só unidades fonológicas, como segmentos, sílabas e acento, mas discorre sobre morfologia, aquisição e variação. Há também o livro “Gramática, conflitos e violações: introdução à Teoria da Otimidade”, de Costa (2001), foi o primeiro a ser publicado em português, voltado para estudos introdutórios ao modelo. Há, na obra, capítulos que versam sobre fonologia, sintaxe e aquisição da linguagem. Também introdutório, mas trazendo análises específicas sobre aquisição da fonologia, há um livro que publicamos, eu e a Profa. Carmen Matzenauer, em 2003, intitulado “Aquisição da fonologia e Teoria da Otimidade”. No transcorrer dos 9 capítulos, o leitor tem acesso a uma introdução sobre a teoria, bem como a análises de dados da aquisição do português no que concerne à sílaba e ao segmento, incluindo um capítulo sobre desvios fonológicos e Teoria da Otimidade. Mais recentemente, foi publicado “Otimidade em foco: morfologia e fonologia do português”, por Gonçalves *et al* (2009), com 5 dos 10 capítulos voltados para fenômenos morfológicos da língua portuguesa. Há ainda uma certa escassez na publicação de textos em formato de livro, ou seja, temos muitas das análises relativas aos dados do português no formato de artigo, dissertação ou tese.

Referências

- BATTISTI, E. *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, Porto Alegre.
- BERNHARDT, B.; STEMBERGER, J. P. *Handbook of Phonological Development from the Perspective of Constraint - Based Nonlinear Phonology*. San Diego: Academic Press, 1998.
- BISOL, L.; SCHWINDT, L. *Teoria da Otimidade: Fonologia*. São Paulo: Pontes, 2010.
- BOERSMA, P. A programme for bidirectional phonology and phonetics and their acquisition and evolution. In: BENZ, A.; MATTAUSCH, J. *Bidirectional Optimality Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.
- BOERSMA, P.; HAYES, B. Empirical tests of the gradual learning algorithm. *Linguistic Inquiry* 32:45–86, 2001.
- BONILHA, G.F.G. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação de Mestrado. Pelotas: UCPel, 2000.
- _____. *Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade*. Tese (Doutorado em Letras) Porto Alegre: PUCRS, 2004.
- BORROFF, M. *A Landmark Underspecification Account of the Patterning of Glottal Stop*. Phd. Dissertation. Stony Brook University, 2007.
- COLLISCHONN, G.
- COSTA, J. *Gramática, conflitos e violações: introdução à Teoria da Otimidade*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- DINNSSEN, D. A.; GIERUT, J. A. *Optimality Theory, Phonological Acquisition and Disorders*. Londres: Equinox Publishing, 2008.
- FERREIRA-GONÇALVES, G.; KESKE-SOARES, M.; BRUM-DE-PAULA, M. R. *Estudos em Aquisição Fonológica*, v. 2. Santa Maria: Sociedade Vicente Pallotti, 2009.
- FERREIRA-GONÇALVES, G.; BRUM-DE-PAULA, M. R. *Dinâmica dos movimentos articulatórios: sons, gestos e imagens*. Pelotas: Editora UFPel, 2013.
- GAFOS, A. A Grammar of Gestural Coordination. *Natural Language and Linguistics Theory*, Vol. 20, 2002.
- GONÇALVES, C. A.; SILVA, H. T.; ANDRADE, K. E.; RODRIGUES, M. C.; RONDININI, R. B. *Otimidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: PUBLIT Soluções Editoriais, 2009.
- KAGER, R. *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- KAGER, R.; PATER, J.; ZONNEVELD, W. *Constraints in Phonological Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- KIPARSKY, Paul. *Paradigm effects and opacity*. Stanford University. ms., 1998.
- LEGENDRE, G. Introduction to Optimality Theory in Syntax. In: LEGENDRE, G.; GRIMSHAW, J.; VIKNER, S. *Optimality-Theoretic Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- LEGENDRE, G.; PUTNAM, M.; SWART, H.; ZAROUKIAN, E. *Optimality Theoretic Syntax, Semantics, and Pragmatics: From Uni- to Bidirectional Optimization*. New York: Oxford University Press, 2016.
- LEGENDRE, G.; MIYATA, Y.; SMOLENSKY, P. *Harmonic Grammar – A formal multi-level connectionist theory of linguistic well-formedness: Theoretical foundations*. University of Colorado at Boulder, 1990.
- _____. *Distributed Recursive Structure Processing*. University of Colorado at Boulder, 1991.
- MATZENAUER, C. L. B.; BONILHA, G. F. G. *Aquisição da fonologia e Teoria da Otimidade*. Pelotas: EDUCAT, 2003.
- McCARTHY, J. J. *Introductory OT on CD-ROM (version 1.0)*, 1999.
- _____. Sympathy and phonological opacity. *Phonology*, 16, 1999a, p.331-399.
- _____. *A Thematic Guide to Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- _____. *Optimality Theory in Phonology: A Reader*. Malden, MA, Blackwell Publishing, 2004.
- _____. *Hidden Generalization: Phonological Opacity in Optimality Theory*. London: Equinox Publishing, 2007.

- _____. *Doing Optimality Theory: Applying Theory to Data*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2008.
- McCARTHY, J. J.; PATER, J. *Harmonic Grammar and Harmonic Serialism*. London: Equinox, 2016.
- McCARTHY, J. J.; PRUITT, K. Sources of prosodic structure. In: McCARTHY, J.J.; PATER, J. *Harmonic Grammar and Harmonic Serialism*. London: Equinox, 2016.
- McCARTHY, J. J.; PATER, J.; PRUITT, K. Cross-level interactions in Harmonic Serialism. In: McCARTHY, J.J.; PATER, J. *Harmonic Grammar and Harmonic Serialism*. London: Equinox, 2016.
- McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology: Constraints Interaction and Satisfaction*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993. [Disponível no ROA – 482, <https://roa.rutgers.edu>.]
- _____. Faithfulness and reduplicative identity. In: J. N. Beckman, L. W. Dickey and S. Urbanczyk (eds). *University of Massachusetts Occasional Papers 18: Papers in Optimality Theory*. Amherst, GLSA, 1995.
- MENUZZI, S. *Binding Theory and pronominal anaphora in Brazilian Portuguese*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1999.
- MENUZZI, S. M.; OTHERO, G. A. Componentes universais da interrogação: uma introdução funcional à Teoria da Otimidade. *Revista Matraca*, v. 6, n. 24, 2009.^[1]_[SEPT]
- OTHERO, G. A. Sintaxe em Teoria da Otimidade. In: OTHERO, G. A.; KENEDY, E. (orgs.) *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 73-84.
- OTHERO, G. A.; CARDOZO, R. W. A ordem pronominal em português brasileiro: da ênclise à próclise, do clítico ao tônico (or There and Back Again, a Word Order's Holiday). *Fórum linguístico*, v.14, n.1, jan./mar. 2017.
- OTHERO, G. A.; MENUZZI, S. M. Distribuição de elementos leves dentro do VP em português: interação entre Sintaxe, Prosódia e Estrutura Informacional em Teoria da Otimidade. *Fórum Linguístico*, UFSC, 2009.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction and Generative Grammar*. Malden, MA, Blackwell, 1993/2004.
- SMOLENSKY, P.; LEGENDRE, G.; MIYATA, Y. *Principles for an Integrated Connectionist/Symbolic Theory of Higher Cognition*. University of Colorado at Boulder, 1992a.
- _____. *Integrating Connectionist and Symbolic Computation for the Theory of Language*. University of Colorado at Boulder, 1992b.
- SMOLENSKY, P.; LEGENDRE, G. *The harmonic mind*. v.1 e v.2, Cambridge, MA: MIT Press, 2006.
- STAUBS, R. Learning Serial Constraint-based Grammars. In: McCARTHY, J.J.; PATER, J. *Harmonic Grammar and Harmonic Serialism*. London: Equinox, 2016.
- TESAR, B.; SMOLENSKY, P. Learnability and Optimality Theory. *Linguistic Inquiry*, 29, 1998.
- _____. *Learnability in Optimality Theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.